

## UM OLHAR FREIREANO SOBRE A EDUCAÇÃO NA PANDEMIA: INQUIETAÇÕES DE EDUCADORAS E EDUCADORES

Alan Ricardo Costa\*

### Resumo

Em função do contexto de pandemia causada pela Covid-19, no Brasil e no mundo, amplificam-se algumas inquietações e dúvidas de educadores e educadoras, sobretudo no que tange aos meios e modos de fazer um trabalho docente *online* mais alinhado a uma perspectiva freireana, isto é, num viés de educação crítica e libertadora. A partir do lançamento da coleção *Paulo Freire Hoje*, e dos espaços virtuais de discussão sobre a obra *Paulo Freire hoje na Cibercultura*, apresento algumas das principais dúvidas e pautas levantadas por docentes de diferentes regiões do país e variados contextos de trabalho. Proponho, a partir dessas questões levantadas (principalmente sobre a falta de familiaridade com as tecnologias digitais, as dúvidas sobre a EaD e a preocupação com a ausência de resposta dos estudantes), reflexões orientadas pelo legado da obra de Paulo Freire, ainda muito atual.

**Palavras-chave:** Paulo Freire. Ensino online. Pandemia.

### Introdução

Em 2019, uma ação coletiva entre docentes e pesquisadores(as) interessados(as) no legado de Paulo Freire levou à proposição da coleção *Paulo Freire Hoje*. Recentemente lançada pela Editora CirKula, em 2020, tal coleção foi organizada a partir de diferentes volumes que propunham reinvenções de Freire (TORRES, 2008) no tocante a temáticas necessárias ao cenário nacional, como a universidade e a América Latina, por exemplo.

Um desses volumes, intitulado *Paulo Freire hoje na Cibercultura* (COSTA et al., 2020), tem como escopo o debate sobre a concepção de Freire de tecnologia (FREIRE, 1968; 1984; 1995), a *práxis* tecnológica (ALENCAR, 2005) e o papel das tecnologias digitais na construção de saberes e práticas docentes no ciberespaço. Tais discussões foram escritas ainda em 2019, antes do cenário atual de pandemia causada pelo Coronavírus SARS-CoV-2 (Covid-19), que parece amplificar algumas dúvidas e inquietações sobre os meios e os modos de fazer um trabalho docente *online* mais alinhado a uma perspectiva freireana, isto é, num viés de educação crítica e libertadora. Embora pensadas e registradas no livro antes deste cenário de ensino remoto emergencial, algumas dessas reflexões servem ao presente, razão pela qual foram propostos muitos espaços de discussão sobre a obra. No formato de *lives*<sup>1</sup>, palestras *online* ou círculos de diálogo virtual, tais espaços contaram com participação de um número significativo de docentes de diferentes regiões do país e de contextos educacionais de trabalho variados.

\* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Mestre em Letras, com ênfase em Linguística Aplicada, pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel). Especialista em Educação a Distância e Tecnologias Educacionais pelo Centro Universitário Cesumar. Atualmente é educador do curso pré-vestibular popular Dandara dos Palmares, em Porto Alegre-RS.

<sup>1</sup> Termo popularmente empregado nas últimas semanas para as transmissões de vídeo ao vivo realizadas via *YouTube*, *Instagram* ou outras opções de plataformas digitais.

Nesses referidos espaços virtuais<sup>2</sup>, educadores e educadoras apresentaram angústias em comum, que podem ser compartilhadas entre a classe docente. Proponho, a partir de algumas dessas questões levantadas, reflexões orientadas pelo legado da obra de Paulo Freire. Destarte, este texto está organizado a partir das mais recorrentes pautas levantadas pelos participantes desses referidos espaços, quais sejam: (1) a insegurança sobre as tecnologias digitais; (2) as dúvidas sobre a EaD e o ensino *online*; e (3) a ausência de “resposta” do aprendiz nas ações de ensino remoto emergencial.

### “Não tenho familiaridade com as tecnologias, sabe?”

Uma das principais questões expostas por docentes em tempos de ensino remoto é a ausência de familiaridade com as tecnologias e, principalmente, de letramentos digitais. É notório que o ensino remoto que temos hoje pode causar inseguranças principalmente por estar fortemente atrelado às tecnologias digitais *online*.

Precisamos considerar algumas concepções mais complexas sobre as tecnologias, como a ideia de que não somos tecnológicos apenas agora. O humano é tecnológico desde os primeiros usos primitivos da pedra lascada e do fogo. Nessa linha de pensamento, em um importante artigo sobre o tema, Adams *et al.* (2013) destacam o cuidado de não dar a subentender que a atual sociedade é a possuidora/detentora universal de toda tecnologia. Assim como registraram os(as) autores(as) mencionados(as), não cabe minimizar as mudanças sociais e culturais atuais desde o surgimento da microeletrônica e da teleinformática, de igual forma que não é adequado negligenciar as tecnologias de outrora (ADAMS *et al.*, 2013; COSTA *et al.*, 2020).

Pensemos, então, na invenção da imprensa (uma importante invenção tecnológica) e a chegada dos livros didáticos impressos nas escolas, via políticas públicas, que é também uma grande revolução tecnológica na educação. Exemplos não faltam para provar que todo docente – todo ser humano – é tecnológico, por suas práticas mediadas, pelo giz, pelo quadro, pela língua, pela linguagem, pela caneta, pelo lápis, pelo celular e pelo computador, entre milhões de outros exemplos possíveis.

E qual seria, portanto, um olhar mais freireano sobre essas tecnologias no fazer docente? Com base na obra de Freire, não devemos divinizar ou diabolizar a tecnologia. Paulo Freire entendia a tecnologia como uma das grandes expressões da criatividade humana, uma expressão natural do nosso processo criador (FREIRE, 1968; COSTA *et al.*, 2020). Freire comentava: “Nunca fui ingênuo apreciador da tecnologia: não a divinizo, de um lado, nem a diabolizo, de outro. Por isso mesmo sempre estive em paz para lidar com ela” (FREIRE, 1996, p. 87).

A síntese máxima desse olhar sobre a tecnologia consta na seguinte afirmativa de Freire sobre o computador, que vale também para qualquer tecnologia: o uso de computadores no processo educacional, em lugar de reduzir, pode expandir a capacidade crítica e criativa dos(as) estudantes. “Depende de quem usa a favor de quê e de quem e para quê” (FREIRE, 1995, p. 98). Por conseguinte, a considerar o contexto que vivemos, devemos interpretar que estamos usando as tecnologias a favor da educação e dos aprendizes (crianças, jovens, adultos, idosos...). Estamos usando as tecnologias a favor da saúde coletiva e da vida. Quero, com tais palavras, tentar contribuir com uma reflexão sobre

<sup>2</sup> Muitos deles foram realizados nos meses de abril e maio, por parte do projeto “Pesquisa e Extensão para todos: difundindo epistemologias críticas na Educação a Distância”, do curso de Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Também vale mencionar os espaços organizados pelo Laboratório de Investigação Sociológica (Labs), vinculado ao Departamento de Ciências Sociais do Centro de Ciências Sociais e Humanas (CCSH) e ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, também da UFSM.

um fazer docente que não coloque nas costas do(a) educador(a) um peso, uma culpa, no sentido de ele se sentir obrigado a estar familiarizado com tecnologias digitais com as quais não estava antes.

O momento é singular, exige muito de todos nós, também como educadores(as), motivo pelo qual o(a) docente deve ser interpretado como um indivíduo que está tentando contribuir como pode. Não é justo o(a) educador(a) sentir-se (ou ser julgado como) culpado(a) por não fazer determinados usos de tecnologias contemporâneas online, pois a questão é muito mais complexa, e perpassa problemas de múltiplas ordens, como: (1) desvalorização histórica da docência em vários aspectos; (2) baixa remuneração salarial e falta de infraestrutura das instituições de ensino por parte de muitos governos; (3) ausência de políticas públicas mais efetivas de popularização das tecnologias (principalmente entre as classes populares); e (4) necessidade de maior fomento à capacitação docente para usos de tecnologias digitais; entre outros.

### “Eu não sei fazer EaD”

No presente, o termo “EaD” é vulgarmente empregado para nomear inúmeras ações de ensino na pandemia causada pelo novo coronavírus (Covid-19), que seriam melhor designadas como “educação emergencial mediada por tecnologias”, ou “ensino remoto”, entre outras opções bem mais representativas do nosso contexto social (e.g. ARRUDA, 2020). A EaD é uma modalidade educacional consagrada nas últimas décadas, e não deve ser confundida com as ações de ensino implementadas de forma emergencial em função do avanço global das contaminações por Covid-19 e das ações de quarentena e distanciamento social, que levaram à inédita situação de 90% da população estudantil estar isolada em todo o mundo (ARRUDA, 2020).

A atual conjuntura demanda novas configurações de educação, que, pela imprevisibilidade, não sabemos como se efetivarão a curto e longo prazo, mas sobre as quais já podemos considerar certa influência da EaD em rede, que já estávamos realizando, sobretudo em Instituições de Ensino Superior públicas. Pensar que a EaD pode vir a orientar grande parte das práticas educacionais *online* do futuro é razoável, mas isso não significa que o(a) educador(a) possa ser cobrado para atualizar-se de forma imediata e, desde já, conseguir fazer uma transição profícua de práticas educacionais para o ensino remoto emergencial. Isso seria impossível e, minimamente, insensível com os(as) professores(as).

Ao longo da sua obra, Freire abordou o inacabamento humano, que implica inacabamento docente, assim como discutiu o contínuo processo de formar-se. “Ninguém começa a ser professor numa certa terça-feira às 4 horas da tarde... [...] A gente se forma como educador permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática”, dizia Freire (1995). Logo, de nenhum(a) educador(a) deve ser cobrada instantaneamente formação para lidar com um contexto totalmente novo, inédito, inesperado; e mesmo aqueles docentes com experiência e formação para trabalhar na EaD terão de redesenhar e ressignificar sua *práxis* para o ensino remoto, que, não custa reiterar, é diferente da modalidade EaD.

Essa mesma ideia de inacabamento humano/docente, cumpre ressaltar, vale também para as questões envolvendo as abordagens pedagógicas mediadas por tecnologias digitais, conforme debatido no capítulo anterior. O processo de apropriação de determinadas tecnologias digitais e a mediação do ensino por meio delas é diretamente atrelado ao que entendemos por “formação”, que é sempre gradual e sensível ao meio e às emergências do nosso percurso docente.

## “O estudante não responde, não fala comigo, acho que está tudo errado!”

Alguns docentes que, atualmente, conseguem manter suas aulas a partir de ferramentas e recursos digitais têm notado certa ausência de interação com os(as) estudantes. De modo geral, educadores e educadoras comentam e lamentam que haja um grande esforço de preparação e realização de atividades de ensino online, via plataformas como Zoom<sup>3</sup> ou Google Meet, por exemplo, mas pouca resposta ou retorno dos estudantes. Por um lado, entende-se que, em um primeiro momento, seja uma situação nova e, portanto, o(a) educador(a) sinta-se desacostumado(a) com o silêncio do(a) estudante. Entretanto, por outro lado, se (re)avaliarmos nossas concepções de “silêncio” e “silenciamento”, podemos chegar a outros ângulos da questão.

Na obra de Freire, encontramos subsídios teóricos para interpretar de forma distinta o silêncio e o silenciamento. Este último, na interação, pode ser uma forma de violência sobre o outro, no sentido de tirar dele o direito de dizer sua palavra. Mas também é uma violência extorquir do indivíduo o direito ao silêncio, que “significa roubar-lhe o direito de sua identidade, sua subjetividade, de sua criatividade, de sua dignidade” (REDIN, 2010, p.371). Portanto, “O silêncio pode e deve ser matriz do pensamento e da criação, e não sua ausência, negação” (*idem, ibidem*, p. 372). Destarte, enquanto direito humano, o silêncio do(a) aprendiz não pode ser interpretado como um fracasso da prática docente, ou como ausência de reflexão sobre o ser-estar no mundo do discente.

Recentemente, interagindo com estudantes de classes populares e discutindo com eles e elas sobre suas possibilidades de fazer usos de tecnologias digitais para acompanhar as aulas de um curso pré-universitário popular, conheci inúmeras histórias de vida que justificam a ausência de mais interação. Estas vão desde um repensar sobre o futuro acadêmico (dúvidas sobre o curso almejado e incertezas sobre as universidades) até as impossibilidades de acompanhar as aulas em tempo real (aulas síncronas).

Uma estudante, ao comentar sua rotina, explicou que a prioridade do uso do único computador de sua casa era de sua mãe, professora, que estava se empenhando ao máximo para seguir elaborando atividades pedagógicas para seus estudantes do Ensino Médio. Ou seja, essa moça assiste às vídeo-aulas e estuda os materiais do cursinho popular apenas no turno da noite, após o turno de trabalho de sua mãe educadora, razão pela qual não consegue interagir com os(as) docentes e colegas discentes de forma síncrona. Assim como ela, muitos estudantes têm suas razões, mais que justificadas, para não responder/interagir diretamente com o(a) educador(a) em determinados momentos ou situações.

Vale reiterar: este é um contexto inédito de pandemia. Vivemos hoje, e há poucos meses, algo totalmente inédito para nós. As dúvidas e incertezas, nesse contexto, não são exclusivas dos(as) educadores(as). Os(as) estudantes podem estar vivenciando situações de enfermidade, luto, alteração das condições de trabalho, mudanças drásticas da rotina familiar e muitos outros casos de ordem social, econômica e educacional. Tudo isso pode demandar um momento para si, de silêncio, de reflexão de si e de seu viver. Nesse caso, é importante que canais de comunicação e interação estejam disponíveis e abertos, para possíveis diálogos de conforto e auxílio entre docente-discente; mas, se tal diálogo não se efetivar, por inúmeras razões, o silêncio do estudante não deve ser necessariamente interpretado como sinal de fracasso das atividades *online* no ensino remoto.

<sup>3</sup>Disponível em <<https://zoom.us/pt-pt/meetings.html>>.

## Considerações finais

A radical transformação político-social imposta e acelerada pela pandemia de Covid-19 leva a inúmeras questões sobre a educação que temos e a que teremos no futuro pós “ensino remoto emergencial” (ARRUDA, 2020). Ainda que seja impossível prever o que virá nos próximos meses e anos, é plausível pensar que a educação do futuro será composta em certa medida pela revisão das nossas práticas docentes. Espera-se, evidentemente, que sejam práticas futuras engajadas com um fazer educacional humano, crítico e libertador (FREIRE, 1996).

Para tanto, cabe resgatar a obra de Freire e reinventá-lo. Afinal, precisamos “reinventar e não repetir Paulo [Freire]” (TORRES, 2008, p. 43). “Não se pode continuar Paulo Freire sem reinventá-lo” (GADOTTI, 2008, p. 100). Tais ideias compõem o mote para o lançamento do livro *Paulo Freire hoje na Cibercultura* (COSTA et al., 2020), que aponta para a constante ressignificação de nossa *práxis*, inclusive na educação *online*, seja em função da atual pandemia que estamos vivendo ou não.

Finalmente, o presente texto visa a contribuir com o debate a partir de algumas inquietações compartilhadas entre educadores(as) de diferentes partes e realidades do Brasil. O assunto não se esgota, e o cenário educacional pode trazer no horizonte mais dúvidas e inquietações. Dentre as incertezas, uma certeza: a obra de Freire segue atual, e a reinvenção de seu legado pode contribuir com novos olhares sobre as tecnologias na educação em contextos variados de ensino e aprendizagem.

## AGRADECIMENTOS

Em grande medida, a escrita deste artigo só foi possível em função da bolsa de estudo da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), recebida em função do doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Agradeço, portanto, a tais instituições. Aos docentes que participaram dos espaços de discussão que possibilitaram a produção do presente texto, agradeço pelo compartilhamento de suas dúvidas e reflexões.

## Referências

- ADAMS, Telmo; SCHÜTZ, Vitor; STAUB, Gilmar; MENEZES, Janaína. Tecnologias digitais e educação: para qual desenvolvimento? *Educação*, São Leopoldo, v. 17, n.º. 1, 2013.
- ALENCAR, Anderson Fernandes de. O pensamento de Paulo Freire sobre a tecnologia: traçando novas perspectivas. In: V Colóquio Internacional Paulo Freire. *Anais...* Recife, Pernambuco. 2005.
- ARRUDA, Eucídio Pimenta. Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. *EmRede – Revista de Educação a Distância*, Porto Alegre, v. 7, n. 1, 2020, p. 257-275.
- COSTA, Alan Ricardo; BEVILÁQUA, André Firpo; KIELING, Helena dos Santos; FIALHO, Vanessa Ribas. *Paulo Freire hoje na Cibercultura*. Porto Alegre: Editora Cirkula, 2020.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra. Coleção Leitura. 1996.
- FREIRE, Paulo. *A Educação na Cidade*. Editora Cortez. 2ª ed. São Paulo: 1995.
- FREIRE, Paulo. *A máquina está a serviço de quem?* Revista BITS, p. 6, maio de 1984.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. Tradução: Claudia Schilling. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

GADOTTI, Moacir. Reinventando Paulo Freire na escola do século 21. In: TORRES, Carlos Alberto; *et al.* (Org.) *Reinventando Paulo Freire no século 21*. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2008.

REDIN, Euclides. Silêncio. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. *Dicionário Paulo Freire*. 2ª ed. Revista e ampliada. Autêntica: Belo Horizonte. 2010.

TORRES, Carlos Alberto. Novos pontos de partida da pedagogia política de Paulo Freire. In: TORRES, Carlos Alberto; *et al.* (Org.) *Reinventando Paulo Freire no século 21*. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2008.